

ARTIGO

**FORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPO DE CRISE: PERSPECTIVAS A UMA
EDUCAÇÃO HUMANIZADORA**

(Teacher Education in time of crisis: perspectives to Humanizing Education)

(Formación docente en tiempos de crisis: prospectos para Humanizar Educación)

Rosana Helena Nunes¹

*Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo - FATEC/SP
Universidade de Brasília (UnB)*

Kleber Aparecido da Silva²

Universidade de Brasília (UnB)

Recebido em: setembro de 2020

Aceito em: agosto de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i2.34041

¹ Pós-Doutorado em Educação (UNICAMP/SP), Doutorado em Língua Portuguesa (PUC/SP), Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem (PUC/SP). Professora de Ensino Superior Tecnológico, em Língua Portuguesa, na Faculdade de Tecnologia do estado de São Paulo (FATEC/SP). Pós-Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) sob a supervisão do Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva. E-mail: rosananunes03@gmail.com.

² Pós-Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP; em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP; em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado em Estudos Linguísticos pela UNESP (São José do Rio Preto). Professor Associado 1 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador visitante na Pennsylvania State University (PSU) em 2019/2020. É coordenador geral do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL). E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br.

RESUMO

O artigo objetiva fundamentar-se no ensino tecnológico e o trabalho docente com a ferramenta Teams da Microsoft, implantada pelo Centro Paula Souza, às aulas online. A primeira parte, a formação docente à luz de Freire (1987-1997) et al. A segunda, a análise das respostas de docentes em relação ao ensino remoto, pesquisa realizada por um aluno para o trabalho de conclusão de curso. Tal análise teve a autorização da coordenação e do professor orientador. A última parte, relaciona-se à conclusão do artigo com uma proposta de educação humanizadora em tempo de crise do Covid-19.

Palavras-chave: *Ensino tecnológico. Ensino remoto. Educação humanizadora. Tempo de crise.*

ABSTRACT

The article aims to be based on technological teaching and teaching work with the Teams tool from Microsoft, implemented by the Paula Souza Center, to online classes. The first part, teacher training in the light of Freire (1987-1997) et al. The second, the analysis of the responses of teachers in relation to remote teaching, research carried out by a student for the course completion work. Such analysis had the authorization of the coordination and the advisor professor. The last part is related to the conclusion of the article with a proposal for humanizing education in a time of crisis at Covid-19.

Keywords: *Technological teaching. Remote teaching. Humanizing education. Crisis time.*

RESUMEN

El artículo pretende basarse en la docencia tecnológica y el trabajo docente con la herramienta Microsoft Teams, implementada por el Centro Paula Souza, para las clases en línea. La primera parte, la formación del profesorado a la luz de Freire (1987-1997) et al. El segundo, el análisis de las respuestas de los profesores en relación a la enseñanza a distancia, encuesta realizada por un alumno para el trabajo de finalización del curso. Dicho análisis contó con la autorización de la coordinación y el profesor rector. La última parte está relacionada con la conclusión del artículo con una propuesta para humanizar la educación en un momento de crisis en el Covid-19.

Palavras-chave: *Enseñanza tecnológica. Enseñanza remota. Humanizar la educación. Tiempo de crisis.*

INTRODUÇÃO

Este texto tem por finalidade trazer à baila a formação docente como fundamento primordial à prática educativa ao considerar uma educação humanizadora em tempo de crise. Optou-se por alguns teóricos que tiveram por preocupação considerar a importância da formação humana, emancipatória do indivíduo, quando se considera a educação como direito e/ou direito à educação. Em outros termos, esse texto objetiva fundamentar-se no ensino tecnológico, tendo em vista considerar uma educação libertária e emancipatória a partir de estudiosos e também estabelecer uma analogia das ideias tecidas por esses estudiosos em relação a uma maior compreensão da educação em tempo de crise do Covid-19.

Há muito tempo se fala em educação por meio de plataformas digitais, desde o surgimento da modalidade EaD. Nessa época, concebia-se a ideia de educação à distância pelo fato de o aluno não necessitar estar presente às aulas, e sim apropriar-se dos materiais apresentados para a construção do conhecimento. Na década de 70, já se preconizava a modalidade EaD, tendo como suporte o material didático impresso e recursos vários como a televisão, fitas de áudio e vídeo, bem como a interação por telefone. Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692 autoriza o

funcionamento de cursos supletivos a distância. Ainda em 1971, é fundada a ABT – (Associação Brasileira de Tele-Educação), em São Luís (MA). Essa modalidade EaD difere das aulas em caráter remoto, uma vez que há necessidade de uma autorização do MEC (Ministério da Educação e Cultura) para o funcionamento de um curso em EaD. Esse curso tem por propósito disponibilizar material para as áreas do conhecimento, entretanto, não há necessidade de o aluno assistir às aulas em horário previsto e sim cumprir as atividades estabelecidas pelo curso.

Em outros termos, a Educação à Distância é uma modalidade apresenta princípios, normas, recursos didáticos e abordagens diferenciadas a cada especificidade dos cursos a serem ministrados e as aulas acontecem de maneira assíncrona e síncrona. Nessa modalidade de aula, há uma estrutura definida, além de uma formação e capacitação permanente do docente, em que há um professor mediador online, coordenador da disciplina, orientador de polo e outros docentes envolvidos em diversas atribuições dadas as especificidades dessa modalidade de ensino à distância. Já o ensino remoto corresponde a aulas síncronas, ou seja, o professor ministra aulas *online* no horário estabelecido pelo cronograma de aulas do curso de cada unidade de ensino superior tecnológico. Nessa modalidade de aula, a plataforma adotada pelo Centro Paula Souza para o momento de pandemia do Covid-19 foi a ferramenta *Teams* da Microsoft.

O Centro Paula Souza nasceu com a finalidade de ensino profissionalizante. Esse nome origina-se do prof. e engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza (1843-1917). Nascido no município paulista de Itu, de família de estadistas, dedicou-se à causa da república e do fim da escravidão. De posição liberal, Paula Souza era reconhecidamente um homem à frente de seu tempo e caracterizou-se como um educador que sempre defendeu o papel da escola como meio de formação de profissionais e não somente um local para discussões acadêmicas. Mais de 50 anos após sua morte, os princípios idealizados por Paula Souza começaram se concretizar com a criação do Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo, em 6 de outubro de 1969, que posteriormente foi rebatizado como Centro Paula Souza, em homenagem ao professor.

A instituição foi criada pelo decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967 – 1971), como resultado de um grupo de trabalho para avaliar a viabilidade de implantação gradativa de uma rede de cursos superiores de tecnologia com duração de dois e três anos. Em 1970, passou a ser denominada de Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), com três cursos na área de Construção Civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas e Construção de Edifícios) e dois na área de Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas).

Nessa época, surgiram as Faculdades de Tecnologia do Estado. As duas primeiras foram instaladas nos municípios de Sorocaba e São Paulo. Segundo dados do site do Centro Paula Souza,

a trajetória do Centro Paula remete-se a 50 anos de fundação. Sua memória mistura-se com a história centenária do ensino profissional público em São Paulo. Em 1969, o órgão nasceu com a missão de organizar os primeiros cursos superiores de tecnologia, mas no decorrer das décadas, acabou englobando também a educação profissional do estado em nível médio, absorvendo unidades já existentes e construindo novas Etecs e Fatecs para expandir o ensino profissional a todas as regiões do Estado.

Segundo pesquisas realizadas³, o Centro Paula Souza (CPS) corresponde a uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Presente em 322 municípios, a instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 294 mil alunos em cursos técnicos de nível médio, bem como superiores tecnológicos. Nas Etecs, o número de matriculados ultrapassa 208 mil estudantes nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, *online*, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica. As Etecs oferecem 151 cursos, voltados a todos os setores produtivos públicos e privados. Já as Fatecs atendem mais de 85 mil alunos matriculados em 77 cursos de graduação tecnológica, em diversas áreas, como Construção Civil, Mecânica, Informática, Tecnologia da Informação, Turismo, entre outras. Além da graduação, o CPS oferece cursos de pós-graduação, atualização tecnológica e extensão.

Com base nessas considerações, a educação tecnológica tem avançado para o ensino voltado ao mercado de trabalho, ou seja, a educação profissional tecnológica. Com a crise do Covid-19, o Centro Paula Souza passou adotar como ferramenta de trabalho a plataforma Teams da Microsoft, tornando o ensino híbrido por meio de aulas *online*. Há estudos que comprovam a importância da formação docente para melhor engajamento à prática educativa e isso tem sido algo recorrente por diferentes estudiosos que privilegiam o trabalho da docência, quando das dificuldades aparentes, na tentativa de minimizar essas dificuldades por meio de uma ação intensiva de formação continuada.

Em se tratando de uma educação humanizadora, cumpre lembrar que a práxis educativa deve estar a serviço de uma emancipação do processo de ensino e aprendizagem no sentido buscar responder a questões cruciais: Em que medida esse momento de crise do Covid-19 pode trazer reflexos à aprendizagem do aluno no formato de aula *on-line*? Sob essa perspectiva, o que dizer da formação docente diante dessa realidade? O docente está devidamente preparado para essa nova realidade? Que tipo de profissional se espera, quando se considera que o ensino tecnológico busca atender às necessidades do mercado de trabalho?

³ <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>

Assim, o artigo fundamenta-se em estudos de Paulo Freire (1987-1997) e César Nunes (2019) no que concerne à formação humana e emancipatória do indivíduo. Para tanto, o texto dividir-se-á em três partes constitutivas. A primeira parte, apresentar uma reflexão acerca da formação docente à luz de Paulo Freire (1987-1997) et al. A segunda, a análise do *corpus* referente às questões direcionadas aos docentes do ensino superior tecnológico dadas as circunstâncias pelas quais esses docentes vivenciaram, ao fazer uso da ferramenta *Teams* da Microsoft para as aulas na modalidade online. com efeito, esse *corpus* de análise é resultado de uma pesquisa realizada por um aluno, ao elaborar questionário pelo Google Forms, para desenvolvimento de um trabalho de conclusão de curso. Das respostas obtidas, com a autorização da coordenação e do professor orientador, optou-se por analisá-las como *corpus* da pesquisa neste artigo. E, a última parte, relaciona-se propriamente à conclusão do artigo com a proposta de uma educação humanizadora e emancipatória, em tempo de crise do Covid-19.

1. FORMAÇÃO DOCENTE OU DOCENTE EM FORMAÇÃO EM TEMPO DE CRISE

Em estudos realizados por Karl Marx (2004, p.6-7), quando do modo de produção capitalista, o trabalho deve ser orientado à formação humana, e não ao “esgotamento dos seres humanos, a viver a própria sorte, num trabalho intenso e exacerbado de “produção em massa” como um trabalho numa empresa em que se espera do funcionário a execução de tarefas prontas em curto espaço de tempo. O autor reconhece que

Nas sociedades de classes, a educação e seus fundamentos diferem segundo as classes, porque “os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes”, pois “a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” ou ainda mais, “a classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual” (MARX; ENGELS, 2002, p. 48). Por isso, no modo de produção capitalista, dividida em classes antagônicas, não há possibilidade de uma educação universal. Só é possível um ser explorado defendendo um mesmo princípio daquele que o explora por uma imposição ideológica que camufla as reais condições de vida de ambos.

Quando se considera a educação, como refletir acerca dessa alienação predominante em algumas abordagens de ensino em que se privilegia um caráter puramente conservador para o processo de ensino / aprendizagem, ainda, como pensar em um ensino que esteja voltado a um modelo neoliberal? Apoiar-se em estudos de Marx é acreditar que o modo de produção capitalista está diretamente ligado aos processos que culminam a prática educativa.

Sabe-se que a educação sofre mudanças substanciais ao longo do tempo e as diferentes pedagogias educacionais passam a ter importância em determinada época e em outra são

substituídas por novos paradigmas de ensino. A pedagogia tradicional sempre esteve voltada à transferência de conceitos a serem memorizados. Nessa concepção, o docente está em busca de uma excelência no ensino, ensino esse pautado em modelos sistematizados em que o aluno apenas assimila o conteúdo sem que haja a apreensão do mesmo, ou seja, apropriação do conhecimento. Há certo controle do professor sobre o aluno para que este seja “domesticado” a aprender e não uma educação em que a aprendizagem se torne significativa ao aluno, ou seja, uma educação libertária.

Quando se leva em conta uma educação que liberta “almas”, emancipatória, considera-se o legado deixado pelo ilustre mestre Paulo Freire (1987-1997). Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987, p.32) propõe um método que privilegia a educação como prática de liberdade. O autor acredita que, em sociedades cuja dinâmica seja a dominação, a pedagogia dominante é a das classes dominantes. O educador ressalta que a educação se torna desumanizadora à medida em que há opressor e oprimido, uma vez que

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão para contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.

Ao conceber a educação como desumanizadora, Freire (1987) reconhece a importância de uma educação em que haja uma situação igualitária em relação à liberdade torna-se uma superação e não opressão. O diálogo, para Freire, é a condição de prática de liberdade, uma vez que se inicia por meio de uma “inquietação” em torno do conteúdo programático da educação. Assim assevera Freire (1987, p.57)

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la.

Freire (1987, p.58) assevera que os educandos são levados à memorização mecânica do conteúdo o que leva a transformá-los em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo

educador. “Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.”

Segundo Freire (1987, p.58), o educador transmite comunicados e não “comunica”, ou seja, dá-se a impressão de que o “depósito” de conteúdos representa a aprendizagem do aluno que, por assim dizer, sente-se um ser passivo e não sujeito de sua própria aprendizagem. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”.

Considera-se, nessa concepção, uma visão bancária de educação em que não há oportunidade de o aluno construir o conhecimento por meio do despertar da criatividade, uma vez que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (idem, p.58)

O silêncio se faz presente na educação que preconiza o depósito bancário, a forma alienada do ensino em que se privilegia a quantidade de conteúdo, e não propriamente a forma pela qual o sujeito interage pela linguagem. Essa educação bancária não permite que o aluno se transforme por meio da prática educativa. Nessa concepção de educação, o professor é o “dono do saber” e o aluno é aquele que não detém o conhecimento sistematizado. Daí torná-lo alguém que apenas “recebe” o que lhe é ofertado numa visão “dogmática” e “domesticadora” de ensino e aprendizagem. Ao refletir acerca da sociedade opressora pela dimensão da cultura do “silêncio”, a educação bancária mantém e estimula a contradição. Freire (1987, 59) salienta que nessa condição de educação:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição.
- g) O educador é que o atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com uma autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Nessa condição de educação, o que se espera é um educando que “acata” as diretrizes estabelecidas pelo educador e “sobrevive” às situações das quais a escola apenas passa pela sua vida, por vezes, como algo para mais ainda aliená-lo diante de sua própria condição de aprendiz. Se o educando pertencer a uma classe menos prestigiada, a transferência de conhecimento representa a supremacia da classe dominante em estabelecer o *status quo*: o opressor sobre o oprimido. Freire

(1987, p.68) reforça que a educação, destinada à libertação, corresponde ao contrário da educação bancária e

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.

Em *Pedagogia da autonomia*, Freire (1997, p. 43-44) retoma a educação bancária de transferência de conhecimento. Com efeito, preconiza que

(...) na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. (...) quanto mais me assumo como estou sendo e percebo e ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.

Considera-se que o educador representa o mediador do saber na medida em que “desperta” no aluno a curiosidade, a possibilidade de criação e, ao mesmo tempo, construção. Sabe-se que os conceitos são apresentados e podem ser ressignificados se o aluno tiver a condição de transformar-se pela prática educativa. Freire (1997, p.138-139) admite que o ato de ensinar requer um rigor metodológico e, ao mesmo tempo, libertador em relação ao discurso bancário, uma vez que

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. (...) Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender o mundo. (...) O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados.

Dessa concepção freiriana, a leitura de mundo revela-se como mola propulsora à transformação do ser na medida em que se adotar uma postura humanizadora e emancipatória à

aprendizagem do educando, ou seja, a escola tem o papel de humanizar ao educar e transformar os espaços em produção de conhecimento.

Em se tratando da era tecnológica, urge usurpar práticas alienantes e neoliberais do uso de ferramentas tecnológicas para o ensino na tentativa de mostrar diferentes formas didático-pedagógicas que busquem suprir dificuldades aparentes em relação à aprendizagem, é o de tornar o ensino tornou-se propriamente uma pedagogia para atender às expectativas, sobretudo, do mercado de trabalho. Esse formato de teletrabalho requer diferentes condições sociais e, ao mesmo tempo, econômicas para suprir ao acesso internet e isso é decorrente do modo de produção capitalista. Em outros termos, há alunos que apresentam condições econômicas mais favorecidas para o acesso à internet, entretanto, há aqueles alunos que, sem condições de seu próprio sustento, dada a situação de pandemia do Covid-19, busca soluções alternativas de prosseguir nos estudos e almejar a inserção ao mercado de trabalho.

De um lado, os docentes, por vezes, sentem-se acuados diante dessa nova realidade e a possibilidade de aplicação de novas metodologias de ensino para melhor direcionar as aulas *online*. Esses docentes, via de regra, passam a “transferir” conteúdo para seus alunos como se a aula *online* fosse algo muito semelhante a uma aula presencial e até propriamente a uma abordagem tradicional de ensino. Nunes (2019, p. 39), em seu capítulo *Educação em direitos humanos no Brasil atual: fundamentos políticos pedagógicos e emancipatórios possíveis*, enfatiza o processo de humanização da Educação e afirma que

(...) a Educação é seguramente a mais destacada das dimensões sociais. Educar, em última instância, consiste em produzir o home para a vida em sociedade. Educar é hominizar-se, fazer-se homem, fazer-se pessoa. Mas, ao mesmo tempo, educar é projetar as características humanas no mundo, na realidade natural e na civilização constituída pela marcha histórica de toda a comunidade humana. assim, educar significa manejar um duplo processo: hominizar-se, isto é, fazer-se homem e humanizar, isto é, fazer o mundo à medida do homem!

Nunes (2019) lembra o fato de a era tecnológica, também denominada como sociedade do conhecimento, corresponder a alusões performáticas, face a critérios éticos e políticos, transformar-se numa corrida competitiva. Daí a escola e a educação necessitem, em suas peculiaridades, novos parâmetros éticos, estéticos e pedagógicos humanistas e humanizadores. Se, de um lado, os avanços tecnológicos promovem a transformação da sociedade, por outro, recorrem-se a plataformas digitais que abrandem a situação em que assola o país e o mundo. Minimizar as dificuldades implantando ferramentas tecnológicas não é considerar a condição do indivíduo frente às adversidades de ordem social, econômica e histórica.

No lema “educação para todos e de qualidade, sem comprometer a aprendizagem em situação de pandemia, preconiza-se que o ensino tecnológico deva cumprir seu papel de possibilitar a inserção do indivíduo ao mercado de trabalho. Numa visão puramente mercadológica, propõe-se um ensino que atende às necessidades do mercado e sobretudo busque firmar-se como aquele que dá assistência e não deixa que esse momento do Covid-19 afete a aprendizagem dos alunos. Essa visão “assistencialista” de ensino tecnológico não se refere às classes menos privilegiadas sem condições socioeconômicas e culturais para assistir às aulas no formato remoto. Com efeito, a última parte do texto tratar-se-á da análise de respostas às questões realizadas aos docentes, quando da utilização da ferramenta *Teams* da Microsoft, implantada pelo Centro Paula Souza para as aulas *online* em tempo de crise do Covid-19.

2. ANÁLISE DO CORPUS: DEPOIMENTOS DE DOCENTES DA FACULDADE DE TECNOLOGIA

Em estudo anterior, discutiu-se o engajamento do aluno com a plataforma digital. Neste texto, a reflexão restringe-se à atuação do docente com a ferramenta *Teams* e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem do aluno. E ainda, é de fundamental importância pensar na forma pela qual o docente atua no processo educativo e quais são as condições de trabalho no formato remoto.

Em se tratando de ensino remoto, há de se considerar algumas especificidades dessa nova modalidade. Quando se fala em aulas online, há determinadas características que diferem da modalidade EaD. Na educação à distância, o ensino acontecer ora em momentos ao vivo, ora virtualmente, tendo em vista tratar-se de uma modalidade em que há um tutor/mediador que, por assim dizer, interage em determinados momentos. No ensino remoto, o diferencial é o fato de que as aulas são síncronas, ou seja, essa modalidade de ensino corresponde a encontros em tempo real em ambientes de aprendizagem; busca-se, nessa modalidade de ensino, a interação entre professor e aluno por meio da plataforma *Teams* da Microsoft. Os materiais são disponibilizados aos alunos por meio de pastas dos canais (geral ou criação de um canal para cada aula), porém nem sempre o aluno consegue acesso o material das aulas pela plataforma, quando faz uso de smartphone, o que inviabiliza o trabalho com determinadas metodologias de ensino.

Em situação de pesquisa, um aluno elaborou questionário pelo Google Forms para desenvolvimento de um trabalho de conclusão de curso. Com a autorização do coordenador do curso e do professor orientador, pôde-se disponibilizar as respostas do questionário aplicadas aos docentes desse curso e, destas respostas, optou-se por analisá-las como *corpus* da pesquisa deste artigo.

Dentre as questões que foram lançadas para efeito de pesquisa realizada na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba, os professores se manifestaram em relação ao trabalho desenvolvido por meio de aulas *online* com o uso da ferramenta *Teams*. Nessas questões, havia a condição de apresentar os pontos positivos e negativos. Para a análise do momento de crise em que a aprendizagem acontece, adotou-se a escolha das frases com os pontos negativos em relação à experiência com as aulas *online*. Com efeito, a análise reunir-se-á depoimentos em que os docentes apresentam as possíveis dificuldades encontradas nas aulas *online* e essa análise será feita por meio da relevância com relação aos assuntos abordados. Dadas as respostas dos docentes, os critérios adotados relacionam-se às similitudes das dificuldades apresentadas:

- (1) interação professor – aluno;
- (2) tempo para preparo das aulas;
- (3) distanciamento entre aula presencial e trabalho remoto;
- (4) participação do aluno em aulas online;
- (5) recursos próprios utilizados em aulas online (uso da internet);
- (6) ferramenta *Teams* e implicações;

(1) Interação professor – aluno

- ✓ *A falta do contato humano, ou seja, falta da proximidade.*
- ✓ *Uma maior dificuldade na interação com os alunos.*
- ✓ *Ausência da interação direta entre professor e aluno na realização de uma atividade programada.*
- ✓ *Acho falta de poder olhar para os alunos e identificar dificuldades antes mesmo de eles falarem para as têm.*
- ✓ *O distanciamento dificulta a identificação de alunos com dificuldade de aprendizado.*
- ✓ *A falta da percepção que temos em sala de aula.*
- ✓ *Não ver os alunos.*

Pode-se perceber que é uníssono na fala dos professores o fato de o contato humano ser de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem ao aluno. Segundo o professor, é necessário identificar as dificuldades dos alunos durante a aula. Se a aula acontece no formato virtual, nem sempre o professor tem a percepção do envolvimento dos alunos para melhor direcionar as dúvidas aparentes. Os três primeiros depoimentos correspondem à interação professor-aluno:

- A falta do contato humano, ou seja, falta da proximidade.*
- Uma maior dificuldade na interação com os alunos.*
- Ausência da interação direta entre professor e aluno na realização de uma atividade programada.*
- Não ver os alunos.*

Os quatro depoimentos seguintes também corroboram com a questão da interação professor-aluno, entretanto, esse distanciamento entre professor e aluno pode trazer dificuldade no aprendizado do aluno.

Acho falta de poder olhar para os alunos e identificar dificuldades antes mesmo de eles falarem para as têm.

O distanciamento dificulta a identificação de alunos com dificuldade de aprendizado.

A falta da percepção que temos em sala de aula.

Quando se concebe a educação como participação efetiva do indivíduo na construção do conhecimento, reconhece-se a importância fundamental de ações que corroborem com o processo de ensino e aprendizagem do aluno. Se, por um lado, o formato remoto possibilitou que as aulas acontecessem sem que houvesse interrupção do semestre, por outro, a interação face a face tornou-se prejudicada dadas as circunstâncias da crise do Covid-19.

(2) Tempo para preparo das aulas

- ✓ *Está exigindo muito mais tempo para desenvolver as atividades e manter a qualidade do trabalho.*
- ✓ *Aumento do tempo estimado para o preparo de aula*
- ✓ *A frieza do trabalho remoto é de se considerar.*
- ✓ *Nas disciplinas com aulas práticas não tivemos tempo para nos adequarmos.*
- ✓ *Demanda mais tempo, adequação de conteúdos e a interação em vídeo chamada é bem precária, não a ferramenta, mas a parte humana. os alunos não gostam de falar em áudio, pouquíssimos interagem e você não consegue captar quem está com dificuldades. Pelas atividades não dá para avaliar isso.*

Outra questão de suma importância para avaliar o momento em que o docente atua no formato remoto de aulas *online* diz respeito ao tempo de preparo para as aulas. Na verdade, as capacitações aconteceram dos dias 22 de abril a 30 de abril. As aulas na modalidade virtual tiveram início no dia 4 de maio e os docentes fazem menção a essa situação, decorrente do tempo para a preparação do material didático na plataforma da Microsoft, a ferramenta *Teams*, ou seja, a organização das aulas em face ao uso da ferramenta e o tempo disponível para elaboração. Como bem ressaltado pelo docente, isso reflete na qualidade da aula a ser ministrada.

É evidente que as aulas *online* diferem de aulas presenciais. Daí o depoimento do professor ao reconhecer que “a frieza do trabalho remoto é de se considerar” e outra fala bastante significativa refere-se às disciplinas práticas, ou seja, aquelas que acontecem em laboratório: “*Nas disciplinas com aulas práticas não tivemos tempo para nos adequarmos*”. Nessa fala, percebe-se a dificuldade para a organização de aulas práticas que, por assim dizer, aconteciam em laboratório. E a última fala desse tópico relevante às condições não favoráveis de aula em tempo de crise:

Demanda mais tempo, adequação de conteúdos e a interação em vídeo chamada é bem precária, não a ferramenta, mas a parte humana. Os alunos não gostam de falar em áudio, pouquíssimos interagem e você não consegue captar quem está com dificuldades. Pelas atividades não dá para avaliar isso.

Nesse depoimento, o docente reconhece tamanha dificuldade em relação às aulas online pela ferramenta *Teams*, uma vez que exige um tempo maior para adequação de conteúdo e, sobretudo, a aula em si requer também inúmeras adequações. A primeira destacada é a interação em vídeo chamada, considerada pelo professor como bastante precária. Segundo o professor, o que prejudica não é propriamente a plataforma adotada para as aulas online, e sim a forma como o aluno interage frente à câmera, ou seja, a participação do aluno e a percepção do professor com relação a possíveis dificuldades durante a apresentação da aula.

(3) Distanciamento entre aula presencial e trabalho remoto

- ✓ *Os processos tendem a ser mais simplificados em relação à aula presencial. O processo interativo de acompanhamento do desenvolvimento não é possível em uma dinâmica adequada. As metas iniciais não são possíveis de serem alcançadas, mas acredito ser possível um ensino de qualidade, mas com adaptação das metas.*
- ✓ *Nas disciplinas com aulas práticas, não tivemos um tempo para nos adaptarmos.*
- ✓ *Falta de controle sobre o real aprendizado do aluno, uma vez que as provas são on-line e o Teams não apresenta ferramentas de elaboração de testes ou provas que dificultem a “cola”. Dificuldades de perceber a reação do aluno, em aulas presenciais é mais fácil esta percepção. Em aulas remotas nem todos os alunos se manifestam quanto às dúvidas. As aulas práticas ficam prejudicadas de forma remota.*
- ✓ *Nossa geração tem a cultura de estarmos presente. Teremos que desenvolver esta percepção à distância.*

Esse distanciamento decorrente de aulas no formato remoto traz certas implicações quando se considera que o ensino exige uma dinâmica diferenciada a cada área do conhecimento. Os depoimentos retratam essa realidade, como já ressaltado no item 1 no que concerne à interação professor-aluno. E ainda, demonstram que as aulas online ainda deixam a desejar com relação às aulas presenciais. Fala-se em adaptação de metas para melhor ministrar as aulas no formato remoto, porém isso intensifica mais ainda o trabalho do docente que se vê diante de um planejamento e não ter condições suficientes para possíveis adequações em um período curto de tempo.

Os processos tendem a ser mais simplificados em relação à aula presencial. O processo interativo de acompanhamento do desenvolvimento não é possível em uma dinâmica adequada. As metas iniciais não são possíveis de serem alcançadas, mas acredito ser possível um ensino de qualidade, mas com adaptação das metas.

Nas disciplinas com aulas práticas, não tivemos um tempo para nos adaptarmos.

Os depoimentos seguintes também reforçam essa situação de ensino não presencial e as dificuldades encontradas até propriamente com relação à aplicação de provas online.

Falta de controle sobre o real aprendizado do aluno, uma vez que as provas são on-line e o Teams não apresenta ferramentas de elaboração de testes ou provas que dificultem a “cola”.

Dificuldades de perceber a reação do aluno, em aulas presenciais é mais fácil esta percepção. Em aulas remotas nem todos os alunos se manifestam quanto às dúvidas. As aulas práticas ficam prejudicadas de forma remota.

No último depoimento desse item, o professor admite que a aula presencial é algo que é presente na prática educacional como construída historicamente. A mudança para as aulas online requer também uma mudança de postura didático-pedagógica.

(4) Participação do aluno em aulas online

- ✓ *Aluno com medo de se expor.*
- ✓ *Incerteza e insegurança em relação ao aprendizado do aluno, ou seja, se a maioria está realmente aproveitando e absorvendo os conteúdos passados nas aulas online.*

Quando se fala em aprendizagem do aluno, há de se considerar que a importância da participação na aula. Os docentes admitem que essa participação fica prejudicada, quando se considera o ensino no ambiente virtual: “*Aluno com medo de se expor*”.

Dadas as inúmeras dificuldades em relação ao aprendizado do aluno, por vezes, esse aluno se sente inseguro para manifestar sua dúvida em relação àquilo que lhe é apresentado durante a aula. Daí o docente não ter a certeza de que houve a aprendizagem do aluno.

Incerteza e insegurança em relação ao aprendizado do aluno, ou seja, se a maioria está realmente aproveitando e absorvendo os conteúdos passados nas aulas online.

(5) Recursos próprios utilizados em aulas online (uso da internet)

- ✓ *Todos ficamos dependentes da internet e por melhor que seja a internet, às vezes dá umas travadas, tanto do lado dos discentes como dos docentes.*
- ✓ *A participação dos alunos caiu muito, mesmo aqueles q estão online não participam tanto.*
- ✓ *Vejo como certo "desconforto" às aulas online os problemas referentes à conexão, tanto por parte dos discentes como docente. O uso da ferramenta Teams torna-se bastante relevante, porém a falta de internet transforma a aula em algo não muito satisfatório para um melhor aproveitamento das atividades propostas.*

Os depoimentos destacam que nem sempre os recursos são disponíveis aos alunos, uma vez que muitos não têm acesso à internet por motivos de condição econômica. Esse fato também corrobora com os recursos próprios tanto para os discentes como os docentes. Há uma grande parte de alunos que não possuem notebook ou computador e a única forma para assistir às aulas online é a de fazer uso do celular e isso nem sempre se torna satisfatório para o aluno dadas as especificidades da ferramenta Teams.

(6) Ferramenta Teams e implicações

- ✓ *A ferramenta Teams demonstra improvisação para o propósito educacional.*

- ✓ *Imaginando que 70% da eficiência da comunicação é não verbal.*
- ✓ *O uso da ferramenta Teams torna-se bastante relevante, porém a falta de internet transforma a aula em algo não muito satisfatório para um melhor aproveitamento em atividades propostas.*
- ✓ *Além disso, acredito que a plataforma ainda é muito pobre no aspecto avaliação. Falta um ambiente onde fosse possível criar um banco de questões e também a possibilidade de criar questões parametrizadas. Tudo isso seria desnecessário se pudéssemos contar com a honestidade dos alunos, porém sempre tem uma parcela que busca o caminho mais fácil e copia as respostas dos outros.*
- ✓ *Falta de um painel que reúna de forma simples materiais utilizados em sala.*
- ✓ *Dificuldades de identificar os alunos pelas suas iniciais (muitos não tem fotos), impossibilidade de compartilhar a área de trabalho e a webcam do professor simultaneamente.*

A ferramenta *Teams* da Microsoft foi adaptada ao ensino no ambiente virtual e essa ferramenta traz características próprias, uma vez que não foi criada para essa finalidade. Os recursos apresentados, por vezes, não atendem às necessidades do docente, quando da sua didática de aula. Considera-se que a aplicação de provas pela ferramenta *Teams* não representa uma situação confortável para o professor que não tem a noção devida daquilo que está a acontecer durante a aplicação da avaliação. A plataforma, segundo alguns docentes, também traz situações com relação ao compartilhamento de telas, ou seja, “dificuldades de identificar os alunos pelas suas iniciais (muitos não têm fotos), impossibilidade de compartilhar a área de trabalho e a webcam do professor simultaneamente.”

Em relação aos depoimentos dos docentes, percebe-se um diálogo entre as falas no que tange à forma pela qual as dificuldades são apresentadas nas aulas *online*. Quando se preconiza que a educação é um direito do indivíduo em relação à aprendizagem, considera-se que os sujeitos se transformam pela/na educação. Entretanto, o docente se enquadra, por vezes, a uma educação bancária para garantir o planejamento das aulas e conceitos a serem desenvolvidos. Perde-se a oportunidade da interação entre os pares e o distanciamento se faz presente. Freire (1997, p. 47), ao considerar a formação docente, postula que

(...) A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado.

Nunes (2019, p. 46), ao conceber a sociedade de consumo como uma “isca” para o professor desvincular-se da prática educativa, compromisso com a educação de qualidade, pelo fato da abundância de estímulos materiais e tecnológicos, que concorrem com a aquisição reflexiva e humanizadora do conhecimento na escola, afirma que o professor, por outro lado,

(...) tem sofrido um duro processo de expropriação de seu conhecimento e de seu saber, de algum prestígio social e de um mínimo de reconhecimento profissional,

além da negação e repressão no campo econômico. Premido por jornadas longas, dilacerantes e superpostas de trabalho e, ainda, submetido a um acelerado processo de perda de prestígio social o professor tem visto a escola como um local do exercício profissional mais restrito e não reúne condições de pensar seu ofício e sua atuação como proeminente na produção da educação e formação do homem para a vida em sua totalidade. Nós reafirmamos a necessidade de construir e de lograr formar o professor permanente e continuamente para exercer seu papel fundamental na emancipação da sociedade, através da educação e da escola postas a serviço da dignidade de toda pessoa humana.

Como bem observa Nunes (2019), o professor é um agente responsável pela emancipação da sociedade e isso reforça mais ainda a importância do trabalho com o processo de ensino e aprendizagem. Se as aulas se tornaram diferenciadas dadas as circunstâncias do momento de crise do Covid-19, também vale lembrar as condições econômicas desse momento histórico. Adequar-se a esse momento é ter a garantia de formas de melhor minimizar situações não satisfatórias para o ensino. Em outros termos, oportunizar recursos que possibilitem aos docentes e discentes a melhor condução das aulas *online*, recursos esses que envolvam o acesso à internet àqueles que necessitam e equipamentos disponíveis às aulas.

3. ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: PROPOSTA PARA CURSOS TECNOLÓGICOS

A formação docente se mostra necessária ou o docente em formação é de fundamental importância? Fala-se em educação, numa abordagem processual, bem como a avaliação também em processo e construção contínua, considerando o formato remoto de aulas *online*. Há uma série de fatores que levam a uma educação que tem por propósito aulas em diferentes metodologias de ensino. Considera-se a importância fundamental de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, acredita-se numa educação humanizadora, problematizadora, nas palavras de Freire (1987), uma vez que a tarefa de educar é de humanizar como base da cultura, da política e da história social.

Nunes (2019, p.47), ao referir-se à educação como esperança do mundo, da sociedade, da cidade e do grupo social, preconiza a compreensão da educação como aquisição de conhecimentos, de hábitos e de vivências, como forma indiossincrática de apropriação da cultura e formação para inserção produtiva da sociedade e adverte que a educação

É espaço de tomada de consciência da condição humana e o lugar privilegiado do erigir a gênese do debate ético cujo resultado implicará diretamente na forma como a sociedade se organizará, devendo estar inserida no centro do projeto de toda sociedade, não espelhando uma sociedade ficcional. Educaremos para a participação consciente construção social, para que cada educando possa saber assumir responsabilidade perante a inalienável tarefa de permanente formação dessa mesma sociedade.

Não há como negar a mudança substancial diante do cenário da pandemia, o que traz como consequência diferentes formas de pensar a educação. Trata-se de um despertar para novas práticas, o que exige do poder público novos direcionamentos e recursos disponíveis, em especial, a educação profissional tecnológica. Se o intuito é o de fazer o aluno dar continuidade ao estudo, também há de se admitir o enfrentamento da crise com condições adequadas para tal intento. Assim, nas palavras de Nunes (2019, p.47):

Essa educação necessita que todos os cidadãos apoiem as ações e reforcem as tendências sociais para formação de sujeitos que tenham preparação escolar para integrar o trabalho não somente como prática produtivista do capital, mas como mediação para a vida em coletividade, como dimensão política e condição existencial, como interventores esclarecidos e não como sujeitos passivos. Esta premissa exige das escolas um olhar constante para essas novas premissas e suas respectivas tendências pedagógicas, como forma de garantir seu compromisso com a formação do cidadão comprometido com seu processo social e histórico.

Considera-se que uma educação humanizadora deva partir do pressuposto de que apenas educa-se alguém na medida em que haja condições para uma melhor aprendizagem. O mundo avança e novas plataformas digitais são necessárias à sobrevivência humana, ou seja, a pandemia do Covid-19 trouxe uma nova realidade para a vida em sociedade e isso não terá como retroceder e sim caminhar no sentido de uma outra postura frente aos desafios de um mundo globalizado. Para tanto, a proposta para uma educação humanizadora corresponde a uma visão problematizadora de educação em que os sujeitos possam interagir por meio de sua própria aprendizagem dentro de uma abordagem transdisciplinar.

A proposta direciona-se ao ensino mais articulado a diferentes áreas do conhecimento cujo enfoque é o de possibilitar que o aluno possa relacionar as áreas para a construção do conhecimento. Acredita-se numa matriz curricular “holística” em que o ensino tecnológico possa interagir com as frentes ou eixos temáticos e estabelecer pontos de intersecção entre essas frentes. Desse modo, apresenta-se aqui uma forma de pensar o ensino tecnológico na área da linguagem e, desta, articular-se às diversas áreas das quais o 1º semestre de cada curso tecnológico seja direcionado. Essa proposta será melhor esboçada em outro artigo em que a ênfase será justamente o contraponto entre depoimentos de alunos e professores acerca do ensino remoto pela plataforma *Teams* em tempo crise, no que diz respeito ao estudo da linguagem.

Ao conceber a importância dos estudos da linguagem, a proposta é a de maior reflexão referente aos estudos apresentados. Cumpre lembrar que todo tecnólogo deverá ter um engajamento com o *outro*, o que torna a comunicação eficaz, seja ela oral, escrita e visual, do ponto de vista acadêmico e também profissional. Estudar autores, na área da linguagem, é a possibilidade de melhor compreender as *nuances* que esta área nos oferece. Falar em Bakhtin (1992), Landowski

(2002), é também compreender que esses teóricos não estão distantes das *interfaces* que permeiam a linguagem e a interação humana. Para tanto, como a compreensão é sempre responsiva e ativa, como diz Bakhtin (1992), é de fundamental importância estabelecer as relações de sentido entre os textos estudados.

Dessa perspectiva, concebe-se a possibilidade de a reformulação atender aos aspectos linguístico-discursivos que engendram a comunicação e interação humana. A proposta é a de considerar determinadas diretrizes conceituais e metodológicas.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO: eixos norteadores para cursos tecnológicos

(1) Comunicação e expressão: multimodalidade da linguagem

- ✓ *Comunicação: características próprias*
- ✓ *Apresentação dos aspectos textuais, discursivos e linguísticos: textos verbo-visuais*
- ✓ *Habilidades digitais no processo de ensino e aprendizagem*

(2) Trabalho com a linguagem: construção e interação

- ✓ *Estratégias argumentativas e discursivas: ferramenta de construção e interação*
- ✓ *Estratégias argumentativas: leitura de artigos de caráter acadêmico e produção de resumo, resenha crítica e relatório.*

(3) Processos de construção de identidade

- ✓ *Gêneros que circulam no meio empresarial e científico: especificidades e estudo*
- ✓ *Construção da imagem da empresa: imagens de si no discurso*

(4) Ética, relações humanas e sociais no trabalho acadêmico e/ou profissional

- ✓ *Negociação e interação: estratégias argumentativas e discursivas*
- ✓ *Estratégias argumentativas: leitura de artigos de caráter acadêmico e produção de mini artigos.*
- ✓ *Apresentação de oficinas de leitura a partir de resultados de projetos desenvolvidos em grupo (trabalho em equipe).*

Com relação aos aspectos textuais, discursivos e linguísticos, propõe-se o trabalho com a linguagem, no que concerne às modalidades oral, escrita e visual, dada a necessidade de um estudo mais abrangente, no que concerne às características peculiares de textos sincréticos, híbridos: a multimodalidade da linguagem presente nas esferas da comunicação humana. E ainda, o trabalho com as estratégias argumentativas, que engendram as condições de produção discursiva dentro do contexto empresarial. Essas diretrizes podem ser estudadas como características próprias da comunicação acadêmica e profissional.

Assim, essas diretrizes podem ser estudadas como características próprias da comunicação acadêmica e profissional, frente à necessidade do mundo de trabalho. Como já ressaltado, este artigo teve por finalidade traçar um parâmetro entre a formação docente e a forma pela qual isso traz como possibilidade de repensar a educação nos moldes de uma pedagogia emancipatória, humanizadora e problematizadora. A proposta apresentada abrange, em especial, a área da linguagem como maneira de melhor dimensionar o ensino tecnológico na área da comunicação. Com efeito, dá-se uma ideia de matriz curricular para os cursos tecnológicos. Essa proposta será melhor explicitada em outro artigo em que a ênfase será justamente numa educação humanizadora para as aulas em Língua Portuguesa e por que não dizer estender essa forma de pensar a educação em outras áreas do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teletrabalho tornou-se uma ação diretiva e não interativa, já que o termo “trabalho”, oriundo de estudos de Karl Marx (2004), quando do modo de produção capitalista, deve ser orientado à formação humana. O homem, nessa visão de mundo extremamente alienada, torna-se refém do sistema capitalista que “impõe” horas de dedicação à realização do trabalho pedagógico ou a pedagogia do teletrabalho ao ponto de transformar a educação numa prática mercantil e precária. Nessa pedagogia do teletrabalho, aumentaram-se as horas do trabalho, aliado a isso, o desgaste emocional também aumentou. E ainda, as condições econômicas dos alunos tornaram-se ainda mais evidentes, com relação aos recursos das aulas *online*, em especial, o acesso à internet.

Somos levados à determinada construção identitária de dizeres que permitem considerar esse momento como um progresso na história da educação, uma vez que o uso de ferramentas tecnológicas para o ensino propicia a continuidade dos estudos sem que haja ausência de “aulas” e a aprendizagem possa acontecer. Há de se considerar a “pseudo” concepção de que diferentes formas de levar os conceitos transformam as aulas em verdadeiros laboratórios pelo simples fato de as ferramentas tecnológicas tornarem-se um auxílio ao docente. E como pensar a educação em momento de pandemia do Covid-19? Como trazer à baila a concepção de educação humanizadora e por que não dizer uma pedagogia mais humanizadora, tão enfatizada por Nunes (2019), a esse momento da pedagogia do teletrabalho?

Ao considerar uma educação humanizadora, também corresponde à formação docente, ou seja, a formação contínua e processual em que o educador reúne condições satisfatórias para ministrar as aulas, mesmo em tempo de crise, ao reconhecer-se como pertencente a um momento de transformação e construção identitária. Não é a plataforma digital que representa a educação de

qualidade, não são os diferentes recursos tecnológicos que permitem uma educação a serviço do indivíduo, mas sim a forma pela qual esse ensino acontece, ou seja, os diferentes meios pelos quais haverá a possibilidade de uma interação maior enquanto não for possível as aulas presenciais.

Se a educação acontece como uma forma de interação humana, reportar-se às palavras de Freire (1987), ao dizer que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, também é reportar-se àquilo que o educador sempre acreditou para uma educação problematizadora, libertadora e emancipatória.

Assim, espera-se que haja diferentes formas de pensar a educação como direito, uma educação libertária, emancipatória, humanizadora, não voltar a uma educação bancária de depósito ou acúmulo de conceitos a serem estudados. Falar em ferramentas tecnológicas, plataformas digitais, é acreditar que o processo de ensino e aprendizagem caminhará para um desenvolvimento maior no sentido de transformação do educando, não estagnação a cumprir horas e horas de trabalho remoto, inúmeras atividades e intenso tempo para dedicar-se a uma verdadeira “alienação do saber digital”. Deve-se considerar uma educação que propicie o engajar-se com a comunicação virtual para ressignificar a aprendizagem, no sentido de sobrepor os muros do conservadorismo e neoliberalismo que assolam a educação de qualidade.

5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail (1979). *Estética da criação verbal*. SP: Martins fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LANDOWSKI, Eric. (1997). *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- NUNES, César. Educação em Direitos Humanos no Brasil Atual: Fundamentos Políticos e Práticas Pedagógicas Possíveis. In NUNES, César Augusto & GOMES, Catarina (orgs.). *Direitos Humanos: Educação e Democracia*. Campinas: Brasílica, 2019. p. 35-52. Disponível: <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em: 30.mar.2020.